

Sumário

11

()

10

()

9

()

8

()

7

()

6

()

()

Salteadinhos: um domingo sim, outro não, assim começaram os meus mortos, sem nenhuma disciplina, pulavam um fim de semana e outras vezes apareciam dois domingos seguidos, sempre me surpreendendo nos lugares mais estranhos: caídos nos pontos de ônibus, nas sarjetas, nos parques, pendurados nas pontes e nos semáforos, flutuando rapidinho pelo rio Mapocho, em cada canto de Santiago apareciam os corpos dominicais, cadáveres semanais ou quinzenais que eu ia somando de modo metódico e ordenado, e a cifra crescia como crescem a espuma, a raiva, a lava, subia sem parar embora justamente somar fosse o problema, porque não tinha sentido subir se todos sabem que os mortos caem, se mostram, se jogam, como o morto que encontrei jogado na calçada justo hoje, um morto solitário esperando muito tranquilo que eu chegasse, e só por acaso eu ia passando pela avenida Bustamante, procurando alguma pocilga pra tomar umas cervejas e fugir do calor, esse calor pegajoso que derrete até os cálculos mais frios; estou nisso, desesperado por um boteco pra me refrescar, quando vejo na esquina com a Rancagua um dos meus mortos rebeldes, sozinho e ainda morno, indeciso entre ficar de um lado ou se atirar pro outro, me esperava ali com a roupa errada, agasalhadinho com gorro e jaqueta de lã, como se a morte morasse no inverno e ele

tivesse que ir visitá-la preparado, meu morto jazia numa esquina com a cabeça caída pra frente, e eu me aproximo rápido pra olhar bem nos seus olhos, me agacho e seguro o seu rosto pra surpreendê-lo, pesquisá-lo, possuí-lo, e então me dou conta de que não há olhos na sua cara, não, só pálpebras grossas que o escondem, pálpebras como muralhas, como capuzes, como cercas de arame farpado, e eu fico nervoso mas respiro fundo e me contenho, expiro, me abaixo e lambo o meu dedo gordo, deixo-o todinho molhado e o aproximo com cuidado da cara dele, e com calma levanto a sua pálpebra endurecida, devagarinho abro a cortina pra espiá-lo, pra forçá-lo, pra subtraí-lo, sim, mas um medo horrível golpeia o meu peito, um terror que me paralisa, porque o olho se empapuca de um líquido que não é azul nem verde nem castanho, é um olho negro que me observa, um olho de águas paradas, uma pupila embaçada pela noite, e eu caio no fundo das suas órbitas e me vejo clarinho na íris sombria do homem: afogado, derrotado, despedaçado naqueles buracos que ao menos me ajudam a entender a urgência, porque esse morto é um anúncio, é uma pista, é uma pressa, vejo o meu rosto enterrado no rosto dele, os meus olhos que me contemplam das suas órbitas, e entendo que tenho que me apressar de uma vez por todas, me esforçar pra chegar ao zero, sim, e justo quando recupero a calma e me preparo, quando pego o meu caderno pra anotá-lo, ouço ao longe o lamento insuportável, a ambulância acelerando enfurecida, obrigando-me a subtraí-lo rápido, de supetão, eliminá-lo, porque acrescentar sempre foi o problema e somar, a resposta equivocada: como igualar a quantidade de mortos nos túmulos?, como saber quantos nascem e quantos restam?, como ajustar a matemática da

morte e as listas?, subtraindo, decompondo, destroçando corpos, é isso, usando a aritmética do fim dos tempos, e dessa forma, de maneira decisiva e terminante, amanhecer no último dia, cerrar os dentes e subtrair: dezesseis milhões, trezentos e quarenta e um mil, novecentos e vinte e oito menos três mil e tantos, menos cento e dezenove, menos um.

()

Naquela noite caíram cinzas, ou talvez não. Talvez o cinza nada mais seja que o pano de fundo de minhas memórias e tudo o que aconteceu naquela noite foi uma chuvinha leve e uma grande festa, uma garoa teimosa e o nó que amarrava essa lembrança aos outros fios de minha infância.

O sol já se pusera e o torvelinho de abraços e beijos, de como você cresceu, como o tempo passa, havia se acalmado ao cair da tarde. Eu tinha uma missão muito clara: escutar o barulho da campainha, verificar se os polegares estavam manchados de tinta e abrir a porta, se fosse o caso. Eu levava tão a sério a ordem de minha mãe (uma tarefa-*chave*, diria ela) que achei necessário dispensar minhas Barbies, enterrá-las para sempre no jardim e finalmente me transformar na guardiã da casa. Eu já era grande; seria a encarregada de vigiar a porta, pensei enquanto as afundava no barro, sem ter ideia de que pouco tempo depois as daria a Felipe, negras de terra.

Desempenhei fielmente meu papel de sentinela, recebendo uma penca de convidados ao mesmo tempo eufóricos e ansiosos que, depois de titubear diante do portão (o barro, o matagal, a

insistência das ervas daninhas no chão), se perdiam no festejo que explodia do outro lado das janelas. Lembro-me muito bem de tudo isso, mas sem sombra de nostalgia. Lembro-me do cheiro úmido do barro, das folhinhas ovaladas de amora debaixo de minha língua, da terra que endurecia sob meus joelhos (transformando-me em cadáver, transformando-me em pedra). São imagens desempoeiradas, despojadas de saudades. Conseguí domesticar minha nostalgia (mantenho-a presa a um poste, distante) e, além disso, não escolhi guardar essa lembrança. Aconteceu no dia 5 de outubro de 1988, mas não fui eu, e sim minha mãe, que decidiu que aquela noite não seria esquecida.

Já era tarde quando vi três desconhecidos se aproximarem do portão. Dois gigantes e uma garota de estatura mediana que demoraram muito para encontrar a campainha e começaram a recitar um nome errado, Claudia, Claudia, pronunciavam com certo temor, olhando nervosos para trás para ver se alguma sombra os perseguia. A garota foi a única que permaneceu muda e imóvel. Seu cabelo loiro, sua expressão aborrecida e um chiclete que saltava de um lado para o outro em sua boca a delataram como a menina que minha mãe anunciara de manhã (ajeite-se, cumprimente, espere, sorria). Ela nem sequer levantou a vista quando abri a porta. Imóvel: os olhos fixos na ponta das alpargatas brancas, as mãos enfiadas nos bolsos de uma calça jeans velha e fones de ouvido nas orelhas bastaram para me conquistar. À direita era escoltada por um homem loiro e barbudo que apoiava uma das mãos na cabeça dela (afundando-a, enterrando-a). E à sua esquerda, ereta como um álamo espigado, uma mulher muito séria

me esquadrinhava, uma cara familiar mas distante, pensei, como se tivesse saído de uma foto antiga, de um filme, mas ela me interrompeu antes que eu conseguisse reconhecê-la. Esta é a Palomita, disse apontando para a garota, empurrando-a para que cruzasse o portão de uma vez por todas. E você deve ser a Iquela, né? Dê um abraço nela (ela me abraçou), ordenou a mulher forçando o gesto que Paloma e eu acatamos obedientes, fingindo que nos conhecíamos, que nos reencontrávamos (fingindo a nostalgia faminta de nossos pais).

Minha primeira impressão de Paloma foi a de uma estrela de rock. Ela se negou a sair do corredor quando entramos em casa e seus pais não tentaram convencê-la, desapareceram em um carrossel de abraços, de tantotempo, nãoacredito, a Ingrid chegou, e quase sem nos dar conta, ela e eu ficamos sozinhas: duas estátuas impávidas diante do desfile de convidados que circulavam indecisos entre a sala e a cozinha, entre a cozinha e a sala de jantar, entre o entusiasmo e o medo. Ela estava escutando música e não parecia se importar com outra coisa que não fossem seus pés: seu calcanhar marcava o ritmo de uma melodia agitando-se furiosamente para baixo e para cima. Um, dois, silêncio. Um, dois. Eu não sabia o que dizer, o que fazer para interrompê-la ou superar a timidez que já me deixara quase sem unhas nos dedos. Estava acostumada a passar o tempo com os adultos e sua presença misteriosa, anunciada por minha mãe como o vaticínio de um anjo ou de um marciano, me mantivera ansiosa o dia inteiro. Em um silêncio rigoroso, com certeza arrastada contra a vontade para essa festa chatíssima, tudo o que Paloma me oferecia era o repique de

seu calcanhar contra o chão, a única pista de sua música, pensei, e aproximei um de meus pés dos seus, mexendo-o só para me ajustar ao coro silencioso. Ela batia duas vezes, e eu outras duas. Depois de um tempo, quando estávamos quase dançando sem nos mexer, ela parou; ambas paramos. Paloma se postou diante de mim (dez, talvez quinze centímetros mais alta), pegou minha mão, virou a palma para cima e me entregou seus fones de ouvido. Ponha, disse com um sotaque desajeitado e uma voz estranha. Ponha e aperte o play, insistiu sem deixar de mastigar aquele verme amassado e albino. Ela mesma envolveu minhas orelhas com as almofadinhas pretas e me indicou, com um dedo nos lábios, que eu não fizesse barulho e a seguisse. E eu fui para perto dela, o mais perto possível de seu corpo, hipnotizada pela tira de seda que assomava por um cantinho de seu ombro, a ponta da trança como um anzol em sua cintura, e aquela música que nascia em um canto de minha cabeça: uma guitarra, uma voz, os lamentos mais tristes do mundo.

Tentando a todo custo passar despercebidas, Paloma e eu entramos na sala de jantar na ponta dos pés. Taças, copos, uma pilha de jornais, panfletos e um radinho de pilha ocupavam a mesa inteira, onde meu pai e o dela se davam palmadas nas costas, um tocando o rosto do outro como se necessitassem comprovar que seus nomes e seus corpos coincidiam. No rádio, o programa que meus pais escutavam toda noite estava quase começando, o maníaco rufar de tambores e o mesmo estribilho anunciando um sem-fim de más notícias (a trilha sonora daqueles anos, a interminável época dos tambores). Expliquei a Paloma que o rádio não era antigo, era de pilha para que estivéssemos preparados,

para que não fôssemos surpreendidos por um corte de energia. Durante os apagões, Felipe e eu brincamos de noite, murmurei, aproximando a boca do ouvido dela. Brincamos de desaparecer, disse. Não sei se Paloma não me escutou ou só fingiu que não me ouvia. Afastou-se de mim e começou a comparar taças e copos, levantando-os, levando-os até a ponta do nariz e afastando-os com um gesto de nojo. Apenas dois sobreviveram à sua implacável seleção e ficaram diante de nós. Vinho branco ou vinho tinto?, perguntou então com uma voz gutural. Tinto, respondi (eu realmente disse *tinto*?, a lembrança se desvanece se eu tiver esquecido a resposta?).

Paloma me entregou a taça de vinho e escolheu um copo de uísque para ela. É delicioso, sussurrou, mexendo o gelo com o indicador. Beba, disse, beba o vinho, ou você não gosta, Iquela? Quantos anos você tem?, perguntou sem pestanejar, e notei milhares de sardas cravadas no rosto dela e, sob as sobrancelhas, uns olhos tão azuis que me pareceram falsos. Olhos de plástico. Olhos de mentira que me julgavam, me descobriam. Ela deu um sorrisinho ensaiado, mostrou os dentes como um robô, sem rir, cuspiu o verme na palma da mão e o amassou até convertê-lo em uma bolinha entre o indicador e o polegar. Você primeiro, disse apontando para a minha taça. É sua vez, insistiu, sem deixar em paz a massa cada vez mais rígida e arredondada. Eu respirei fundo, fechei os olhos e, inclinando a cabeça para trás, tomei o vinho de uma só vez. Um, dois, três goles intermináveis. Não pude evitar um calafrio e abri os olhos. Paloma estava terminando seu uísque sem mexer um só fio de cabelo. Uma das pedras de gelo se chocou entre

seus dentes e ela abandonou o copo na mesa, satisfeita, impávida. Agora sim sorria.

Interrompendo uns aos outros, andando frenéticos pela sala, os convidados falavam cada vez mais alto, mais rápido, cada vez mais barulho e menos palavras. O rádio se impunha entre suas vozes: segunda contagem de votos. Minha mãe andava de um lado para o outro, nervosa. O que será que estão pensando, ela perguntava ao vazio, a qualquer um que quisesse responder. Será que os milicos respeitariam as eleições, se queriam outra bebida, mais gelo, se queriam que ela aumentasse o volume do rádio, e depois soltando gargalhadas metálicas, uma risada da qual me lembro muito bem. Eu não podia acreditar que minha mãe estivesse rindo daquela maneira, seus alaridos estridentes, a fenda de sua boca aberta (dentes branquíssimos à beira de um barranco). Não queria que Paloma a visse assim. Quis me aproximar dela, dizer-lhe mãe, eu te amo muito, mas fique quieta, por favor, fique quieta, eu imploro. Mas os rufares de tambor do rádio se sobrepueram à sua risada, ou suas gargalhadas se converteram naqueles tambores que indicavam o momento de se calar, de ficar sérios e escutar a contagem, já apurados setenta e dois por cento dos votos.

Depois do noticiário, quando já não restava álcool na mesa, Paloma anunciou que queria fumar. Pegou minha mão e me levou pelo corredor. Lembro-me de que cambaleávamos. Eu estava tomada por uma sensação nova, uma zonzeira leve e feliz que Paloma interrompeu depois de alguns passos. E os seus cigarros, perguntou com seus erres travados, apertando minha mão e me contemplando com aqueles olhos que me obrigaram a ficar quieta

e obedecê-la.

Levei-a ao quarto de meus pais, nos fundos da casa, aonde chegavam apenas alguns ruídos da festa. Tranquila, sem sequer olhar para trás, Paloma entrou e começou a esquadrihar até o último canto. Eu, ao contrário, cerrei os olhos e fechei a porta (fechar os olhos para fechar o mundo, para não ser vista). Quando os abri, Paloma esperava inquieta. E então? Apontei a mesinha de cabeceira. Minha mãe guardava ali seus cigarros, os fósforos e os comprimidos que às vezes tomava, em algumas manhãs cinzentas e com certeza nas noites de apagão. Restava apenas um cigarro no maço de Barclays, mas Paloma abriu a gaveta, remexeu-a e logo descobriu um maço novo. Pegou também uma cartela de comprimidos e tudo isso desapareceu dentro de uma bolsinha vermelha que surgiu como por arte de magia pendurada em um de seus ombros (porque este é o tipo de coisa que a gente se lembra bem, o brilho feérico de uma bolsa vermelha).

O chão começava a se mover sob meus pés, o vaivém preguiçoso de um naufrágio que eu atravessava um pouco assustada, feliz e ao mesmo tempo temerosa de levar Paloma para ziguezaguear pela casa. Cruzamos juntas o corredor e a sala, e juntas deixamos para trás o murmúrio de vozes e de novas contagens, apurados oitenta e três por cento dos votos. Segurei a mão dela com todas as minhas forças e a levei para fora, para longe de onde seu pai e o meu gritavam um para o outro (o pai dela havia se levantado do sofá e o meu se escondia por trás de um par de óculos que dividiam sua cara ao meio). Apoiado contra a parede, cada vez mais longe de nós, meu pai dava batidinhas em sua taça com uma colher. Tim tim

tim. Silêncio. Tim tim. Como se esse tilintar o protegesse da fúria que o alemão, o pai de Paloma, parecia ter cultivado durante anos para lançar-lhe naquele momento. Um minuto de silêncio, gritou meu pai e conseguiu uma pausa, um parêntese no qual aproveitou para fazer um brinde a uma lista de desconhecidos, várias pessoas com dois nomes e dois sobrenomes (como costumavam ser os nomes dos mortos).

Fechei às minhas costas a porta envidraçada que dava para o terraço e por um momento ficamos caladas e no escuro (caíam cinzas?, chovia?). A luz havia sido cortada e os adultos tinham acabado de notar a escuridão: apagão, alguém cortou a força, aumentem o volume do rádio (e eu pensava em minha mãe e seus comprimidos, seus comprimidos). Paloma acendeu uma vela e tirou da bolsinha o maço de Barclays. É melhor a gente ir fumar, disse sem conseguir pronunciar o erre mas puxando com desenvoltura o lacre que envolvia o maço. Arrancou o papel dourado do interior, jogou-o no chão e deu uns tapinhas no maço com a palma da mão. Dois cigarros apareceram na ponta. Eu segurei o meu entre o indicador e o dedo médio, imitando minha mãe quando fumava. Paloma, ao contrário, levou o maço até a boca, pegou o filtro com os lábios e arrastou o cigarro para ela como se fosse um objeto muito frágil. Depois, inclinando o rosto, encostou a ponta do cigarro na chama da vela. Uma profissional. O fogo iluminou seus olhos e ela aspirou, entrecerrando-os (olhos vermelhos, pensei, olhos tintos). O tabaco se acendeu e uma fumaça branca e compacta ficou suspensa a poucos milímetros de seus lábios. Olhei para ela fascinada, com inveja, apurados oitenta

e oito por cento dos votos, enquanto em sua boca nascia uma névoa que logo se desvanecia ao seu redor.

Não pude conter minha admiração. Pedi a ela que me ensinasse. Como tinha aprendido, desde quando fumava, como fazia para não tossir. Você nunca fumou?, perguntou ela aspirando de novo. Mas com certeza já experimentou esses comprimidos, né?, disse tirando uma das cápsulas da cartela e colocando-a na língua, em que ainda se demoravam uns restos de fumaça. Senti um mal-estar no estômago, uma ardência no peito, no rosto. Respondi que não, claro que nunca tinha fumado, que nojo, disse me concentrando em um ponto fixo no chão, um ponto diferente daquele que ela tinha visto quando entrou na casa e procurava na terra algo além de suas alpargatas, de meus pés, do barro, de mim mesma, um segredo que eu não fui capaz de descobrir. Eu disse que ela ia ficar com os dedos pretos, a pele opaca e os dentes amarelados. Esses comprimidos eram da minha mãe, pras manhãs cinzentas, pras noites de apagão. Ela me ignorou. Contou-me que fumava toda manhã antes de entrar no colégio, em Berlim, com suas amigas. Eu não sabia onde ficava Berlim, mas a imaginei soprando aqueles anéis de fumaça em um bosque enorme e verde-claro, e a odiei.

Dentro da casa a luz tinha voltado e o rádio retumbava, emudecendo-nos. O pai de Paloma gritava fora de si, com o dedo em riste apontado para o meu pai: dedo-durode merda, cuzão, você não devia brindar por ninguém, filhodaputa. Minha mãe tinha acabado de entrar na sala e, ao vê-lo gritar, pegou uma taça qualquer, encheu-a e se aproximou com essa taça à sua frente, como se protegendo com o vidro, impondo uma distância

envidraçada entre eles, implorando com aquele vinho tinto que se acalmasse, por favor, não vale a pena, Hans, vamos tomar uns tragos e comemorar as boas-novas, pra que isso agora, depois de tudo. É um dia especial, disse obrigando-o a aceitar a taça e conseguindo domar o dedo exaltado: há coisas sobre as quais é melhor não falar. A mãe de Paloma observava em silêncio, sentada no sofá, assistindo com uma expressão que me pareceu estranha, como se apenas em meio aos gritos, às cifras, como se apenas no centro da raiva reconhecesse minha mãe de verdade (Claudia, Consuelo, isso eu não saberia dizer). Meu pai, ao contrário, permanecia cabisbaixo e mudo. Parecia querer dizer algo, fumar um cigarro, escutar música até dormir (as pontas dos pés descobertas, o ruído estático da televisão), mas o alemão voltou ao ataque, bocudo de merda, enquanto a voz de meu pai continuava presa (e eu quis abraçá-lo, salvá-lo do que quer que fosse). Entre mim e Paloma se abriu um silêncio novo, uma pausa que eu interrompi quando já não pude evitar os gritos. Eu também quero fumar, disse, apurados noventa e três por cento dos votos. Eu também quero sair daqui, acrescentei, sem saber que esse desejo se manteria intacto por muitos anos.

Paloma deu as costas para a porta de correr, pegou a caixinha de fósforos e aproximou de minha boca um cigarro já aceso. É melhor fumar, disse (vamos fumar, diria depois). É importante, insistiu agitando um cigarro entre os lábios. Eu assenti querendo lhe perguntar como se fazia, se meu peito ia doer, se a fumaça queimava, se eu iria sufocar por dentro. Mas a chama se extinguia diante de mim e não havia tempo para perguntas.

Aspirei fundo sem pensar.

Aspirei e minha garganta se fechou como um punho.

Aspirei quando a porta se abria e minha mãe saía, me procurando.

Paloma deu um pulo, se afastando de mim.

Escondi o cigarro nas costas e por um segundo, enquanto minha mãe se aproximava, consegui conter a fumaça e a tosse. Minha mãe se abaixou e me olhou fixo (e a fumaça em meu peito enlouqueceu buscando saídas). Abraçou-me e me apertou com força (e os votos apurados eram milhares e o cigarro queimava entre meus dedos e o gigantesco pai de Paloma se aproximava rápido do meu e a fumaça empurrava meu peito procurando fugir). Minha mãe apertou meus ombros, enterrou as unhas em minha pele e me falou entre fungadas, sua voz se quebrando como os galhos de uma árvore morta: Iquela, minha filha, nunca se esqueça deste dia (porque eu não devia esquecer nada, nunca).

Jamais se esqueça, repetiu, e a tosse estalou seca dentro de mim. Subiu e me estremeceu até me deixar totalmente vazia.

O ar se tornara áspero como o vinho, as amoras, os erres. Um ar compacto, um céu fechado. Paloma voltou a se aproximar quando minha mãe já tinha ido embora, acariciou minhas costas, deu-me uns tapinhas e pôs três comprimidos na palma de minha mão (três branquíssimas reticências). Ela escolheu outros três que desapareceram em sua boca. Tome-os, disse, como me convidando

a um ritual secreto. Tome-os agora, insistiu, e eu obedeci já sem pensar enquanto Paloma segurava meu rosto entre as mãos. Eu os engoli apesar do amargor, apesar do medo, enquanto ela se aproximava e seus olhos se fechavam (centenas de pares de olhos que não me viam). Eu fechei os meus querendo brincar de apagão, de noite, de desaparecer. Fechei-os e imaginei intermináveis bosques envoltos na névoa que brotava de sua boca. O beijo então foi inesperado. Um beijo de poucos segundos, nem curto nem demasiado longo, apenas o suficiente para que Paloma e eu víssemos o momento exato em que seu pai batia no meu, justo quando eu era tomada pela tosse que silenciava a última contagem de votos, justo quando minha mãe abraçava outra pessoa para que também ela não se esquecesse daquele dia.

10

O destino de uma pessoa é morrer e o meu é encontrá-la, sempre descobrir mortos, do inesquecível primeiro morto dominical em diante, aquele cadáver pioneiro que mudou tudo, sim, porque esperava muito atento que eu o subtraísse, olhando-me com os seus grandes olhos ali do chão, e eu também olhei pra ele sem pestanejar e foi amor à primeira vista: soube que aquele cadáver na Plaza de Armas me pertencia, claro, mas isso não significa que eu ande por aí procurando mortos, sem motivo algum, são eles que me encontram embora alguns digam o contrário, como a minha vó Elsa, que sempre dizia: cada um vê o que quer ver, Felipito, e parece que o que eu quero ver são os mortos, porque desde aquela época eles chegam infalivelmente e sem ser convidados, em dias úteis e não úteis também, sem respeitar nem ao menos o Ano-Novo, porque no começo eram dominicais, é verdade, mas já não respeitam nenhum horário, aparecem sem parar: estou tranqüilinho passeando por Yungay, trôpego por causa do calor, quando vejo sentado na sarjeta um cara encolhido como um contorcionista, a cabeça enfiada entre as pernas, o pescoço torto, e claro, com essa pinta qualquer um ia achar que é um bêbado, os restos da farra do fim de semana ou alguém que já não pode com o calor de merda de Santiago, mas

não, é um morto; e depois aquilo de subir no ônibus e reparar que o cara sentadinho lá atrás, o que comprime a bochecha contra o vidro, não está deixando nem sombra do seu hálito na janela, não, esse também é um morto; e depois basta aguçar o olhar, ter olho de lince, olho de gado, olho de boi pra vê-los em todo lugar, é coisa de descer do ônibus, dilatar cada um dos olhos da pele e ver que o cara esperando no ponto de ônibus com certeza chegou tarde, esse também esticou as canelas, porque eles chegam assim, sem anúncio e sem fanfarra, e eu anoto no meu caderno como na contagem de votos das eleições: de cinco em cinco vou subtraindo-os, desde o primeiro, aquele que apareceu com a noite já alta, comigo distraído vagando pela Plaza de Armas, vendo as ratazanas comerem os restos de amendoim caramelizado, era isso que eu estava fazendo, tomando ar antes da emergência, cheirando as flores negras na noite negra, tentando ventilar as ideias do dia, quando de repente vejo uma coisa esquisita no meio da praça, ali onde existia uma forca, onde penduravam os ladrões, os ateus, os infiéis, naquele lugar vejo algo incomum e me aproximo, sim, e por um momento acho que é um vira-lata cochilando e ando com cautela pra acariciá-lo, mas quando estou ao seu lado me dou conta de que é outra coisa, é um homem ou uma mulher, ou melhor, acho que é um homem e uma mulher ao mesmo tempo, e vejo que o coitado está caído de costas como apenas um morto se estenderia: o excelentíssimo morto deslocado, solene, quietinho, com um lenço vermelho na cabeça, uma saia grossa e quadriculada, meias furadas e chinelos de borracha verde-água, lá estava ele com a sua cara larga mas sem cara, como se os olhos tivessem se afundado na pele pra se esconder, sim, e eu fiquei olhando pra ele e também

olhando pras pombas, porque ele era velado por doze pombas que arrulhavam um coro de canções fúnebres, e também havia percevejos entre as suas meias e ratazanas e vira-latas que o farejavam e lamentavam, e então eu, um pouco surpreso mas nem tanto, me tranquilizei pensando que ao menos era de noite e não de dia, porque qualquer um sabe que a gente pensa coisas diferentes quando é de noite e eu pensei que aquela praça não era um lugar ruim pra morrer, aí onde tudo começa ou tudo termina, foi isso que eu pensei, mas depois me distraí e lembrei de quando era um pivetinho e pelo menos avisavam na televisão se ia passar algum morto na tela, quando a loira do Canal 7 dizia: as próximas imagens não são aconselhadas para pessoas sensíveis nem menores de idade, era isso que a magricela falava, e a minha vó Elsa com certeza era sensível porque tapava os olhos com as mãos ossudas e se remexia toda até que a parte feia acabasse, mas pra mim aquilo não significava nada, não, e eu continuava agachado diante da televisão olhando os mortos no chão, os seus ossos, ou melhor, uma massa de ossos no fundo de um riacho onde havia um monte deles: centenas de esqueletos juntos, se aquecendo, se tocando, e eu com os olhos arregalados pensava que eram lindos, maravilhosos os ossos brancos, porque eu era apaixonado pela cor branca, branco-ossobuco, claro, e é porque eu amava o ossobuco com a sua medula gelatinosa branco-chumbo, aquele branco idêntico ao da tina de Chiquihue, a tina meio suja onde eu me enfiava depois das notícias pra ficar branco e desaparecer; abria a torneira de água fria até o fim, tirava a roupa e me enfiava pelado na tina pra espiar os dedos dos pés, esperando que as minhas unhas ficassem brancas, mas nunca ficavam, não, ficavam azuis, as

unhas azuis sob a água gelada, a pele de galinha e, depois de um instante, a pele enrugada como as tâmaras, os elefantes, os tomates assados, a minha própria casca a ponto de sair, a minha pele querendo se desprender, e era justamente isto que eu queria debaixo da água fria em Chinquihue: queria me desprender, mas não conseguia, porque a minha vó Elsa chegava, bem naquele ponto, pra me dizer: mas meu menino, meu filhinho, que merda você está fazendo enfiado aí, que puta chucro que você me saiu, e depois me tirava da água e quando eu saía sentia um frio horrível que me cravava agulhas na pele, e eu ficava envergonhado e a minha vó me abraçava e me enxugava com uma toalha branca, serra serra serrador, e me dizia que se eu continuasse me comportando mal ela ia me levar pra Santiago com a Iquela, e em Santiago me esperava aquele calor pegajoso e também o Rodolfo e a sua cicatriz enorme, e a Consuelo com a sua amargura e o seu cheiro de compaixão e as tristes frutas-do-conde, e então, apesar da toalha branca, as ideias da noite se impunham, formigas enlouquecidas cobrindo o meu couro cabeludo, sim, e a minha vó afastava as ideias negras com a toalha, batia nelas, espantava-as e me dizia menino-chucro, era isso que dizia a minha vó Elsa me enxugando inteiro pra alisar a minha pele, pra esticar a minha pele enrugada nos ossos, aqueles ossos fracos que se percebia por baixo da minha roupa e que também se notava nas fossas do chão, aqueles ossos que sempre transmitiam na tevê, sim, mas com um aviso prévio pelo menos, não como agora, que aparecem assim sem mais nem menos, um atrás do outro aparecem os mortos de Santiago, essa cidade mortuária que com certeza não é sensível nem menor de idade.